

A VIOLÊNCIA NÃO PODE SER DESCULPA PARA A VIOLÊNCIA

Na página policial do jornal A Tarde de 6 de outubro, entre outras notícias, há uma que se refere à prisão de traficantes. O texto é construído a partir da abordagem habitual com que são tratados os casos de violência que envolvem indivíduos pobres: com a prisão do traficante Lucival Oliveira, o “Boneco”, 30 anos, e a morte de Elenice de Almeida, a “Lene”, que também era ligada ao tráfico de drogas, agentes da 6ª Delegacia acreditam que poderão elucidar mais de dez assassinatos ocorridos nos últimos meses no Bairro de Cosme de Farias.

Tem-se acima um trecho que corresponde ao primeiro parágrafo da matéria que tem como título “Prisão de traficante elucida crimes”. Como é possível observar, a versão da notícia, desde o seu título, é baseada na perspectiva policial. A fonte, insumo básico do fazer jornalístico, neste caso é única: a voz da polícia.

Pela matéria, alguém “morreu de raspão”. A morte de “Lene” é tratada como mais uma “baixa” na guerra entre traficantes na disputa pelos pontos de droga. O assunto principal é o somatório entre mortes e a prisão: na avaliação dos agentes, com a morte de “Lene” e a prisão de “Boneco”, os seus parceiros começaram a perder “força”. Em outro trecho da notícia lê-se: na guerra pelos pontos de droga, localizados no Beco de Jaguarari, Beco de Eliodoro e Campo Velho os três traficantes tiveram vários parceiros mortos a tiros.

Há uma espécie de contabilidade cujo modo com que é construída admite, mais de que nunca, o homicídio como um dos ingredientes para o enfraquecimento do tráfico. Com essa maneira de

narrar o fato vai sendo incorporado, à ação de segurança, o próprio crime, desde que a vítima esteja associada à atividade criminosa. Talvez seja essa a posição – uma espécie de moral subjetiva que vai sendo tecida diante da multiplicação de fatos violentos e que tem permitido certos ajustes no que se refere aos valores – que explique, ao menos em parte, o título de outra matéria, veiculada na mesma página: morte de ladrão é comemorada por moradores.

A morte comemorada é de um jovem de 18 anos que, de acordo com a matéria, seria “responsável por vários assassinatos, inclusive de militares, e assaltos, a exemplo da avenida Peixe, Santa Mônica, Pero Vaz, Caixa D’água e adjacências”.

São sinais de que a resposta violenta começa a ser incorporada pela comunidade como saída para a crise da segurança. Também começa a ser contabilizada pelas autoridades policiais como parte dos resultados e não como falha da política de segurança.

À medida em que esses relatos se multiplicam distanciamos-nos do tempo em que um assassinato, de qualquer pessoa, era motivo de preocupação e despertava sentimento de insegurança. Integramos-nos à atmosfera em que certas violências são sentidas como benéficas, profiláticas e, ironicamente, restabelecedoras da paz. Manifestações dessa natureza colocam em risco o papel das instituições e ao mesmo tempo dizem de um sentimento de esgotamento no que se refere à espera por soluções pacíficas e eficazes.

É necessário que as palavras sejam medidas para que o discurso jornalístico não amplifique as formulações que incluem a violência como ingrediente a ser usado por todos para o enfrentamento da violência. Pelo que se sabe, este caminho só leva ao incremento e descontrole das situações de conflito.